

**MODALIDADE:** ( ) PIBID ( X ) Residência Pedagógica ( ) Pró-Licenciatura ( ) Demais licenciaturas

## IMPRESSÕES SOBRE ATUAÇÃO NO ENSINO REMOTO E PRESENCIAL ENQUANTO RESIDENTE

Mariana Luíza de Lima<sup>1</sup>; Mateus Camargo Pereira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem formato de relato de experiência e expõe a atuação de uma discente bolsista do Programa Residência Pedagógica em uma escola estadual de Minas Gerais, no ensino fundamental II, no momento de retorno às aulas presenciais. A intervenção se deu nos meses de outubro a dezembro de 2021, em duas turmas de 7º e 8º anos, ambas no período matutino, com quantidade média de 60 alunos, com idades entre 13 e 15 anos. As restrições de uso de materiais nas aulas de Educação Física e a obrigatoriedade de seguir o Plano de Estudos Tutorados (PET) foram fatores que limitaram a prática docente, fazendo-nos buscar alternativas que minimizassem os prejuízos e atendessem ao planejamento que prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo de Referência de Minas Gerais às turmas atendidas.

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica; Educação Física escolar; Ensino remoto; Ensino presencial; Formação docente.

### 1 INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica (RP) é um dos componentes da Política Nacional de Formação de Professores e tem como principal objetivo o aprimoramento formativo dos licenciandos, com atuação nas escolas-campo, a partir da segunda metade do curso. Durante a atuação na escola, cabe ao residente a regência de aula e intervenção pedagógica, sendo tais atividades supervisionadas por um professor da escola, chamado preceptor, e orientadas por um professor da Instituição de Ensino Superior (IES), na qual o residente realiza seu processo formativo (BRASIL, 2018).

Freitas, Freitas e Almeida (2020) expõem que a RP favorece a troca mútua de conhecimentos entre a escola-campo e a IES, apresentando-se como uma estratégia de formação inicial para os licenciandos residentes, oportunizando a formação de professores mais preparados para o mercado de trabalho. Favorece também a formação continuada para os preceptores, que estão sendo, continuamente, estimulados a revisar seu currículo e plano de trabalho.

---

<sup>1</sup> Licencianda em Educação Física, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: marilima.juruia@gmail.com

<sup>2</sup> Docente, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: mateus.pereira@muz.ifsuldeminas.edu.br

Considerando o que fora supracitado, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma discente do curso de Licenciatura em Educação Física, bolsista da RP, tendo atuado no ensino fundamental II, no momento de transição do ensino remoto para o presencial, dada a redução quantitativa dos casos de Covid-19 e os progressos do avanço da Campanha Nacional de Vacinação.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A Educação Física escolar, enquanto instrumento colaborador da formação do sujeito na sua integralidade, não pode se menosprezar a tal forma de configurar-se em momento de descanso, de relaxamento, inferior aos outros componentes curriculares. “Esta concepção reforça a necessidade de maior aproximação entre a formação acadêmica e a realidade escolar no intuito de potencializar as práticas pedagógicas que valorizem a função social que temos enquanto docentes na Educação Básica” (PINNO; OLIVEIRA; SCHARDONG, 2019).

Martins *et al.* (2022) apresentam que, mesmo bem antes da pandemia, os professores de educação física já lutavam para consolidar a disciplina como componente curricular, enfrentando desafios, como superar a ideia da “não aula” e o “fazer como mera atividade”.

Ainda segundo os mesmos autores, no que diz respeito às dificuldades impostas pelo cenário pandêmico à atuação docente, epidemiologistas dizem ser possível que novas pandemias sejam cada vez mais frequentes, devido, principalmente, à degradação ambiental e ao aumento da população mundial, de modo que as experiências pelas quais passam a comunidade escolar, nesse período, não devam ser apenas efêmeras adequações, mas, de fato, “o novo normal”, que chegou para ficar.

## **3 MATERIAL E MÉTODOS**

O presente trabalho trata de um relato de experiência sobre a atuação de uma bolsista na RP, desenvolvido numa escola estadual, no município de Muzambinho, MG. As atividades previstas em edital para o programa em questão tiveram início em outubro de 2021, momento em que muitas escolas já cogitavam o retorno presencial, porém ainda duvidosas sobre o quão benéfico seria, dado o avançar do calendário letivo.

Dessa forma, a princípio, a atuação se deu de forma remota, acompanhando as aulas via Google Meet, por meio do link disponibilizado pela professora preceptora em um grupo de WhatsApp, criado para facilitar a comunicação entre o professor orientador, preceptora e os residentes bolsistas. As turmas de 7º e 8º anos do ensino fundamental estavam trabalhando com o Plano de Estudos Tutorados (PET), apostilas organizadas e distribuídas pelo governo estadual a todo estado de Minas Gerais.

Essa situação não se estendeu por muito tempo, pois, em novembro de 2021, um decreto estadual determinou o retorno das aulas presenciais em todo o território, dada a redução quantitativa dos casos de Covid-19 e os progressos advindos do avanço da campanha de vacinação. Também prevalecia o pensamento de que as crianças já tinham passado tempo demais fora da escola, sendo muito prejudicadas, a situação já estava insustentável.

Assim sendo, as escolas foram reabertas, observando todos os cuidados ainda necessários, impondo restrições, principalmente nas aulas de educação física, por não poder haver o toque corporal nem o compartilhamento de materiais. Essa situação se apresentou como um grande desafio, pois era necessário, ao mesmo tempo, controlar a euforia da turma depois de quase dois anos fora da quadra, elaborar atividades sem toque e sem materiais, conectando-as ao conteúdo que estava sendo trabalhado nos PETs e, ainda, observando o que prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Como a situação pandêmica apresentava melhoras significativas, logo houve autorização para o uso de materiais, facilitando muito a elaboração e andamento das aulas, uma vez que uma bola, por exemplo, oferece inúmeras possibilidades de movimento, jogos, brincadeiras, esporte etc. Dessa forma, os residentes foram organizados em grupos, sendo 2 ou 3 responsáveis pelo planejamento, condução e avaliação de uma aula, enquanto os demais observavam e buscavam identificar pontos fortes, que deviam ser ressaltados ou pontos fracos que deviam ser corrigidos.

Vale ressaltar que a intervenção se deu nos meses de outubro a dezembro de 2021, em duas turmas do ensino fundamental II, sendo uma de 7º ano e outra de 8º ano, ambas no período matutino, com quantidade média de 60 alunos, com idades entre 13 e 15 anos. As turmas eram bastante heterogêneas, uma mais passiva, mais apática, e outra mais ativa, muito mais participativa, porém ambas, bastante respeitadas.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No momento de aulas de Educação Física remota, os alunos dificilmente participavam das aulas síncronas via Google Meet, de tal forma que, mais tarde, no momento presencial, a própria preceptora, que os acompanhava há mais tempo, não conhecia muitos deles. É possível perceber que esse modelo de ensino não os estimulava, pois, mesmo estando “presentes” na aula, mantinham câmera e microfone desligados, restringiam-se a poucas palavras pelo chat, os que mais interagiam e mostravam-se interessados eram, basicamente, sempre os mesmos alunos.

Nesse momento, o trabalho dos residentes ficou bastante limitado, pois o próprio preceptor não podia fazer muita coisa, além de seguir o PET, instrumento que limitou bastante sua autonomia, pois trazia pronto um conteúdo genérico, nem sempre cabível às diversas realidades das escolas

estaduais ou que permitisse buscar formas de atrair os alunos aos encontros síncronos, propondo aulas mais interativas, com uso de tecnologias e metodologias ativas.

Quando houve o retorno presencial, as aulas de Educação Física ficaram bastante prejudicadas por não haver autorização para uso de materiais, sendo necessário adaptar o conteúdo ao que era possível no momento. Dessa forma, foram propostos jogos e brincadeiras, que foram muito bem aceitos por ambas as turmas, que pareciam estar com saudades da quadra e das aulas práticas. Além disso, foram trabalhadas atividades com corrida (inserindo o atletismo, esporte individual), na qual foi possível identificar certo regresso nas habilidades motoras básicas dos alunos, devido ao fato de terem passado tanto tempo sem receberem os estímulos necessários.

Algumas semanas depois, com o encerramento do PET e a liberação para uso de materiais, tivemos mais autonomia para planejar as aulas e aplicá-las de modo a suprir algumas carências anteriormente identificadas, como maiores estímulos motores, e trabalhar alguns temas emergentes, como a (des)igualdade de gêneros e maior inclusão feminina nas aulas e nos esportes coletivos, debates que foram bem aceitos, evidenciando a necessidade que o público em questão tem de intervir, sentindo-se ouvido e respeitado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência na RP, neste momento turbulento pelo qual passa a educação brasileira, de retomada das aulas presenciais e as diversas adaptações, próprias dessa circunstância, trouxeram muito aprendizado, pois foi possível conduzir um trabalho no âmbito das práticas corporais, observando o PET e a BNCC, tentando fazer com que os prejuízos fossem os mínimos possíveis.

Observou-se, contudo, que parte dos alunos retornou ao modo presencial apresentando sérios prejuízos motores, com o comprometimento de habilidades básicas, por exemplo, correr, chutar e arremessar uma bola. Ressalta-se, assim, a importância e a necessidade da presença do professor de educação física, preferencialmente, no local mais próprio para atuação (quadra), sendo possível o melhor aprendizado e aprimoramento das práticas corporais, como jogos, brincadeiras, esportes e danças.

Conclui-se que a atuação na RP é uma excelente oportunidade de o discente experimentar, ainda na graduação, como é a atuação do professor na escola, quais são as possibilidades e desafios, desde o planejamento das aulas até o aprendizado efetivo dos alunos, formas de avaliação e como trabalhar com turmas diferentes, permitindo, o máximo possível, que todos tenham oportunidades e sintam-se incluídos, desejosos de participar da aula.

## **AGRADECIMENTOS**

Bolsista do Programa Institucional de Residência Pedagógica – RP, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.

## **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa de Residência Pedagógica**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em: 07 mar. 2022.
- FREITAS, M. C.; FREITAS, B. M.; ALMEIDA, D. M. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente. **Ensino em Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020.
- MARTINS, M. Z.; RIGONI, A. C. C.; FERREIRA, L. N.; CARVALHO, L. K. R. APRENDENDO A SER PROFESSOR LONGE DA ESCOLA: a residência pedagógica na educação física em tempos de Covid-19. **Pensar a Prática**, v. 25, n. 1, p. 1-21, out/2022.
- PINNO, C. R.; OLIVEIRA, D. F. L.; SCHARDONG P. S. Residência Pedagógica e a educação física escolar: implicações da aproximação entre a formação inicial e a formação continuada. In: XX JORNADA DE EXTENSÃO, 2019, Ijuí. **Resumos...** Ijuí, 2019.